

UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA OBRA A HORA DA ESTRELA DE CLARICE LISPECTOR

Luciano Taveira de Azevedo (UPE)

RESUMO: O presente artigo traz uma análise de gênero da obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector, onde os personagens Macabéa e Olímpico em suas relações sociais no decorrer da narrativa, têm suas identidades construídas e assumem representações de ser-mulher e ser-homem segundo paradigmas inventados pela cultura nordestina.

Palavras-chave: Gênero – Discurso – Identidade

ABSTRACT: This present article aims to analyze the gender in the masterpiece *A hora da estrela* by Clarice Lispector, where the characters Macabéa and Olímpico in their social relation during the episodes of the story, have their identities built and take the role of men and women according to some paradigms created by the north-eastern culture.

Key words : Gender- Speech – Identity

1. Apresentação

Os estudos feministas avançaram significativamente nos últimos 20 anos e, ao longo da sua caminhada, incorporaram novas teorias sobre a condição da mulher na sociedade. Desse modo, o movimento feminista falou de sexismo, androcentrismo e patriarcalismo numa tentativa de explicar a condição feminina na esfera social. Recentemente, o feminismo ocidental introduziu nas discussões sobre os sexos o conceito hermenêutico de gênero. Segundo a categoria analítica de gênero, a compreensão acerca da mulher tem que passar necessariamente pela compreensão do homem e vice-versa, uma vez que o entendimento de um sexo não pode vir desvinculado do outro. O discurso masculino hegemônico, que na história construiu culturas e, nessas culturas, sistemas de representação do feminino que, por sua vez, produziram um sujeito doce e obediente, tem, na categoria gênero, seu objeto de análise e leitura dos papéis atribuídos a homens e mulheres na sociedade.

No presente trabalho, aplica-se a teoria de gênero à obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector (1977). A análise recai sobre os personagens Macabéa e Olímpico, tomados aqui como estereótipos construídos por uma cultura, a cultura nordestina, que concentra o poder nas mãos do macho viril e dominador e relega o segundo sexo, ou seja, a mulher, à sujeição mais resignada. Nessa relação desigual, papéis sociais são produzidos, atribuídos e vivenciados pelos sexos em um determinado momento histórico.

2. Gênero: uma nova chave de leitura

A categoria gênero se apresenta como um dos últimos conceitos hermenêuticos introduzidos pelas feministas ocidentais. Inicialmente, gênero era tudo aquilo que diz respeito à mulher; logo, gênero e mulher eram equivalentes, sinônimos. Originado no ambiente acadêmico, o termo foi incorporado por múltiplas disciplinas e ganhou nuances diversas. Segundo Simião (2000:1), “assim, antropólogos, sociólogos, psicólogos, cientistas políticos foram dando cores diferentes ao conceito, conforme a bagagem conceitual específica que suas disciplinas traziam”. Nesse sentido, Costa (1994) apresenta as diferentes leituras de gênero: gênero como variável binária, gênero como papéis sexuais dicotomizados, gênero como variável psicológica, gênero como tradução de sistemas de culturas e gênero como relacional.

Esse viés de gênero como relacional desconstrói uma concepção binária dos papéis sexuais e funda uma perspectiva em que homens e mulheres são analisados e entendidos a partir das relações que estabelecem na esfera social. Em Gebara (2000:38), lê-se que “num sentido preciso, tornar-se homem ou mulher depende de certas construções culturais e sociais”. Assim sendo, a compreensão dos papéis e representações adequados a homens e mulheres não têm tão somente na variável biológica seu fator de leitura e entendimento, posto que essa variável não dá conta de explicar a complexa teia de relações, por vezes ambíguas e contraditórias, vivenciadas pelos sexos na sociedade. Scott (1990:7) assevera que:

gênero tanto é substituto para mulheres como é igualmente utilizado para sugerir que a informação sobre o assunto “mulheres” é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. Esta utilização insiste sobre o fato de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que ele é criado em e por este mundo. Este uso rejeita a validade interpretativa da idéia de esferas separadas e sustenta que estudar as mulheres de maneira isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tenha muito pouco, ou nada, a ver com o outro sexo. Além disso, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos.

Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação, no fato de que as mulheres têm as crianças e que os homens têm uma força muscular superior.

O gênero, visto nessa perspectiva, significa a organização social das diferenças sexuais, de modo que, se o sexo pertence à esfera do biológico, o gênero encontra-se na esfera sócio-cultural, mas, de maneira alguma, são duas categorias antagônicas e que se excluem, antes, uma implica a outra. Assim sendo, podemos dizer que o biológico é culturalizado e a cultura é biologizada. Dessa estreita relação entre o biológico e o cultural advém a normatização dos sexos e determinam-se os padrões adequados a homens e mulheres em diferentes épocas e sociedades. A invenção da masculinidade e da feminilidade não se dá por acaso, não é uma realidade fatalística, mas resultado de um discurso sexista que é gestado na história, produzido pela cultura, socialmente aceito e incorporado aos hábitos, costumes e comportamentos de um povo. Desse modo, os padrões de feminilidade e masculinidade pré-estabelecidos socialmente para homens e mulheres legitimam as relações de poder entre os sexos, hierarquizam suas posições sociais e criam um sistema de dominação baseado em valores, crenças, estereótipos e discursos sócio-culturalmente construídos. Nesse jogo simbólico e discursivo, os papéis sexuais são constituídos, cristalizados socialmente e aprendidos por homens e mulheres que incorporam ao seu modo de ser no mundo os padrões peculiares a cada sexo. Ser homem e mulher implica numa contínua construção, de modo que a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher no dizer de Beauvoir (1949) nem o homem nasce homem, ele torna-se homem. A esse respeito Gebara (2000:111) afirma que

neste sentido, dizer gênero quer dizer masculino-feminino na sua relação de produção social e cultural, na criação e na aprendizagem dos comportamentos e na reprodução desses mesmos comportamentos. Dizer homem e mulher, já é introduzir um 'modo de ser no mundo' próprio a cada sexo, um modo de ser que é fruto de uma teia complexa de relações culturais.

A categoria analítica de gênero aborda as relações entre homens e mulheres e entre homens e homens e mulheres e mulheres de maneira mais abrangente, uma vez que considera aspectos sócio-históricos e culturais na interpretação e entendimento das posições ocupadas pelos sexos na sociedade; posições estas marcadas pelo poder exercido e atribuído desigualmente. Para Scott (1990:16) “o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria

melhor dizer: o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado”. Mediante a leitura de gênero é possível traçar um vasto painel dos papéis desempenhados por homens e mulheres, e referenciá-los aos determinantes históricos e culturais que os moldaram, numa tentativa de identificar as forças de poder que atravessam as construções identitárias dos sexos.

3. O gênero aplicado à *Hora da estrela*

A linguagem mantém uma relação estreita com as representações de gênero. Essa relação é por vezes opaca, sinuosa e nem sempre percebida de maneira imediata, porque os discursos que a pontilham assumem um caráter não transparente que dificulta, por vezes, relacionar práticas discursivas excludentes com as desigualdades de gênero. Desse modo, a carga discriminatória de muitas expressões, clichês e ditados populares passam despercebidos sem que identifiquemos nesses elementos traços de excludência e marginalização da categoria sexual tida como inferior e dominada. Gallop (2001:281) afirma que “ter um falo significa estar no centro do discurso”. O pensamento feminista diz que o falo só tem significado quando referido ao pênis. Assim sendo, pode-se afirmar que aquele que se encontra no centro do discurso e detém o poder, ou seja, o falo, é o homem. Para Scott (1998:115), “o discurso é um instrumento de ordenação do mundo”. Mas esse mundo que o discurso falocêntrico que atravessa a sociedade organiza é um discurso todo voltado contra as categorias sexuais desprivilegiadas, oprimidas.

O romance *A hora da estrela*, escrito por Clarice Lispector em 1977, representa uma inovação estilística ao deslocar-se do universo íntimo para a realidade objetiva e tocar, desse modo, questões sociais de maneira mais explícita e declarada. O próprio narrador-personagem, Rodrigo S.M., afirma que se trata de história exterior e explícita (HE, p.33). A personagem-protagonista de cuja história Rodrigo S.M. se ocupará chama-se Macabéa, mas atende por Maca, alusão aos macabeus, personagens bíblicos. Nordestina oriunda do estado de Alagoas, muda-se para o Rio de Janeiro, onde alimenta o sonho de ser estrela de cinema. Divide um quarto de pensão com quatro moças que paga trabalhando como datilógrafa. Namora Olímpico de Jesus, também nordestino, que trabalha como metalúrgico e aspira ascender socialmente. No decorrer da narrativa, Macabéa perde Olímpico para Glória, sua única amiga, pois esta possuía os atrativos

materiais ambicionados por ele (CAMPEDELLI; ABDALA JR, 1981). A hora da estrela para Macabéa se dá quando é atropelada por um Mercedes Benz.

No romance de Clarice Lispector, Macabéa e Olímpico são representantes dos papéis atribuídos ao longo da história a homens e mulheres e que, por sua vez, têm na baliza de verniz sócio-cultural os parâmetros bem delimitados da sua construção. Durante a narrativa, encontramos uma mulher e um homem que assumem o modelo socialmente proposto e encarnam um modo de ser e viver consoante à lógica e mentalidade que circulava em meado do século XX. Macabéa é mulher, nordestina, medíocre, solitária, submissa e virgem. Olímpico é homem, nordestino (logo, “cabra da peste”), esperto, ambicioso e dominador. Essas características não são dadas por acaso, mas obedecem a toda uma lógica sócio-cultural-discursiva que tem origem no chão social em que pisam os personagens. Na sua consciência adormecida, Macabéa é uma desconhecida de si mesma. Ignorante da sua identidade, ela “não se conhece senão de ir vivendo à toa” (HE, p. 35). Aprendeu a ser assim, como é. Nunca se perguntou: quem sou eu?, e, se um dia o fizesse, “cairia estatelada e em cheio no chão” (HE, p.36). Os tijolos que compõem seu edifício pessoal e sua feminilidade não foi ela quem os colocou, antes, foram colocados pelas instituições sociais que a gestaram, conceberam e ensinaram a ser como é,

“incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si mesma. Se fosse criatura que se exprimissem diria: o mundo é fora de mim, eu sou fora de mim” (HE, p.45).

Ela é indiferente e ignora a própria identidade porque não a construiu nem foi-lhe dada oportunidade de participar desse processo. Ela não nasceu de si, mas da convenção social que a aguardava antes mesmo de vir ao mundo. Esse mundo fora dela já definira para si seu lugar social, suas atribuições profissionais (vale lembrar que ela é datilógrafa) e seu comportamento, “(...) ela é doce e obediente” (HE, p.47).

As implicâncias de gênero se fazem sentir a princípio no seu nome abreviado, Maca. Esse apelido é, “graficamente, quase idêntico à Maçã, sem os adornos sinuosos do til e da cedilha” (SÁ, 2000:271). Apesar de não trazer os enfeites gráficos da palavra maçã, porque “ela era subterrânea e nunca tinha tido floração” (HE, p.52), a semelhança remete-nos ao fruto proibido¹

¹O imaginário popular atribuiu à maçã a categoria de fruto proibido, ou seja, aquele comido por Adão e Eva no paraíso quando cometeram o pecado original.

que, segundo o relato bíblico, levou à queda de todo o gênero humano. Eva e Adão transgridem a determinação divina, pecam e são expulsos do paraíso, mas é sobre a mulher que recai o estigma da fraqueza moral. Desse modo, a culpa que se estende a toda humanidade tem na mulher seu princípio e fim, porque historicamente conservou o estigma de causa de perdição. Macabéa traz esse sinal, de certo modo, representado na abreviatura do seu nome e entranhado nas vísceras da sua parca existência.

Após a morte de seus pais, ela passa a viver com uma tia que, além de maltratá-la, ensina-lhe a cartilha do comportamento social adequado às mulheres. De modo que, “do contacto com a tia ficara-lhe a cabeça baixa” (HE, p.50) e, se lhe dava cascudos na cabeça, era por que “considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem” (HE, p.49), além de que “a queria para varrer o chão” (HE, p.54). Assim sendo, Macabéa é talhada para ser ingênua, inocente, virgem e obediente. Seu mérito está em baixar a cabeça e obedecer resolutamente. Ela torna-se mulher na medida em que se enquadra, paulatinamente, nos padrões sociais pré-determinados para aquelas que dividem consigo o mesmo chão. Age de modo automático, mecânico, irracional, ao ponto de

“esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo” (HE, p.50).

Macabéa, embora “o fato de vir a ser uma mulher não pertencesse à sua vocação” (HE, p.49), aprendia, pouco a pouco, a sê-la.

Ela vê desfilar nas páginas da sua vida o discurso que a sociedade androcêntrica produz sobre a mulher e introjeta a imagem construída por seus dominadores. A normatização e o controle social exercido sobre sua feminilidade faz com que se revista dos símbolos sócio-culturais que identificam o feminino na história. Sua satisfação está em reproduzir cotidianamente o papel imposto pelo masculino e concretizar, na sua existência rala, o projeto identitário silenciosamente gestado no útero da cultura. Rodrigo S.M. diz que

“só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa, e virgem, e gosto de coca-cola. Só então vestia-se de si mesma, passava o resto do dia representando com obediência o papel de ser” (HE, p. 58).

Nas páginas subseqüentes, o narrador apresenta um personagem masculino, Olímpico, que no decorrer da trama conhece Macabéa e torna-se seu namorado. Olímpico reúne as características do típico macho nordestino e traz inscrito no seu genótipo existencial o padrão da masculinidade e o mito do nordestino “cabra macho”, símbolo da virilidade e da força. Essa imagem do nordestino vem sendo desenhada por uma extensa produção cultural desde o começo do século XX. Olímpico é representante desse protótipo de ser-homem e sua relação com Macabéa é mediada pela simbólica do masculino.

No primeiro encontro, Olímpico delimita os lugares sociais a que ambos pertencem quando compara o nome Macabéa à doença de pele:

- E, se me permite, qual é mesmo a sua graça?
- Macabéa
- Maca – o que?
- Bea, foi ela obrigada a completar.
- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele (HE, 65)

O nome identifica, distingue, particulariza e, de certo modo, diz quem somos, de onde viemos e o grupo social ao qual pertencemos. Nesse momento da narrativa, dizer o nome significa não apenas identificar-se, mas informar sobre sua origem, lugar e posição social. Olímpico também revela seu nome, mas ela não lhe entende o sentido. Embora desconheça o significado, ele reconhece que esse nome carrega as marcas do seu caráter e da sua condição masculina. Seu nome traduz vitória, conquista e a ambição de atingir os mais altos níveis sociais. Para ele, “a melhor herança é mesmo muito dinheiro. Mas um dia vou ser muito rico – disse ele que tinha uma grandeza demoníaca: sua força sangrava” (HE, p.68). A partir da revelação dos nomes, Olímpico vê Macabéa de uma posição privilegiada, pois o nome dela associa-se à doença de pele, símbolo da fraqueza e debilidade, enquanto o seu, é símbolo da força que se traduz em dominação. Herdeiro de uma longa tradição patriarcalista que perpetua a imagem do nordestino como homem valente e viril, Olímpico traz inscrito no nome as marcas semânticas desse ideal. Se por um lado, Macabéa não passa de doença de pele, Olímpico remete-nos às lutas, desafios e competições olímpicas que possibilita chegar ao pódio, lugar por excelência, dos fortes e grandes.

As diferenças dos papéis sexuais e a má distribuição do poder entre os sexos fica evidente na narrativa por aquilo que o personagem masculino tem e o feminino não tem, ou seja, pelo *déficit*. Assim sendo, além do nome, Olímpico carrega outros símbolos representativos do poder,

como, por exemplo, um dente de ouro que colocou quando ainda estava no Nordeste. O narrador diz que “este dente lhe dava posição na vida” (HE, p.68). Um outro elemento que o afirma como detentor do poder e o distingue substancialmente de Macabéa é a sua força e macheza. A prova da sua virilidade residia no fato de ter assassinado alguém, “aliás, matar tinha feito dele um homem com letra maiúscula” (HE p.68) e, “era o que se chamava no Nordeste de ‘cabra safado’” (HE p. 68). O próprio personagem destaca sua inteligência e o narrador atribui-lhe o mérito de “peça-chave, dessas que abrem qualquer porta” (HE p. 69). Por outro lado, Macabéa é uma figura medieval. Nessa metáfora, mulher e trevas – elemento que designou aquele período histórico – são comparadas e mantêm uma relação tão estreita que acabam por se confundir. O homem, por sua vez, é aquele que é a chave que abre a porta e permite a luz entrar, invadir a casa e iluminar aqueles que estão nas trevas ou a representam. Mais uma vez, a singularidade do homem é afirmada em detrimento da mulher que não passa de doença e treva.

Outro aspecto relevante nesta análise é a figuração dos espaços reservados ao homem e a mulher na obra *A hora da estrela*. O espaço ambicionado ou já ocupado por Olímpico e Macabéa é historicamente determinado. No século XX, ainda é predominante e praticada a idéia de que à mulher está reservado o espaço privado, ou seja, a casa, a vida doméstica com todas as suas diligências, como: cuidar dos filhos, do marido e do lar. Diferentemente, ao homem cabe o espaço público onde exerce o poder, designa as leis e normas sociais e ordena as diversas esferas da vida coletiva e individual. Albuquerque Jr. (2003:21), assim assevera:

donos do poder, ocupantes do espaço público, produtores da riqueza, chefes da família, responsáveis perante as leis, controladores da cultura, os homens não teriam deixado lugar para as mulheres na história. Conseqüentemente, toda a memória da sociedade, toda a história da sociedade seria dos homens.

Restritas ao lar, as mulheres bordam seu arranjo existencial no anonimato e longe das práticas sociais que têm no homem sua viga de sustentação. Vistas sob a burca do esquecimento, essas mulheres não exercem outro ofício, senão aquele de procriar e promover a ordenação do lar. O silêncio a que estão submetidas reflete a lógica de organização social ditada por uma cultura de cunho patriarcal vigente não apenas no Brasil mas em outros países da América Latina que foram colonizados por europeus. A sua ausência no cenário público denuncia uma sociedade marcada por sistemas de exclusão, que tem nas relações desiguais de poder entre os sexos, seu fator de organização. Nádía Gotlib (1998:2) diz, acerca de Macabéa, que

“não tem condição de construir uma história, já que, à margem dos trilhos que direcionam os acontecimentos, a personagem vive da cultura de sucata: sobras dispensadas pelos outros, os que têm”.

A condição de Macabéa é de viver à margem e manter-se fora da roda de produção cultural, intelectual e econômica que está reservada à hegemonia masculina. Assim sendo, “vive na mais completa miséria, sem ter acesso à cultura de bens materiais, intelectuais e afetivos” (GOTLIB, 1998:2). Nessa vida, que desconhece os rumos, resta-lhe a margem e, enquanto ser marginal, contenta-se em viver à sombra do homem que detém poder e saber, bem como centralidade nos negócios públicos. A narrativa clariceana assim descreve essas condições desiguais:

Os negócios públicos interessavam Olímpico. Ele adorava ouvir discursos. Que tinha seus pensamentos, isso lá tinha. Acocorava-se com o cigarro barato nas mãos e pensava. Como na Paraíba, ele se acocorava no chão, o traseiro sentado no zero, a meditar. Ele dizia alto e sozinho:

- Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado.

E não é que ele dava para fazer discurso? Tinha o tom cantado e o palavreado sebo, próprio para quem abre a boca e fala pedindo e ordenando os direitos do homem. No futuro, que eu não digo nesta história, não é que ele terminou mesmo deputado? E obrigando os outros a chamarem-no de doutor.

Macabéa era na verdade uma figura medieval enquanto Olímpico de Jesus se julgava peça-chave, dessas que abrem qualquer porta. Macabéa simplesmente não era técnica, ela era só ela. Não, não quero ter sentimentalismo e portanto vou cortar o coitado implícito dessa moça. Mas tenho que anotar que Macabéa nunca recebera uma carta em sua vida e o telefone do escritório só chamava o chefe e Glória. (HE, 68)

A disparidade de lugares sociais e funções públicas fica evidente nesse trecho do livro. Olímpico se projeta na vida política e torna-se deputado. Vale ressaltar que o cargo de deputado dá condições de formular e aprovar leis, fazendo-as circular socialmente a fim de serem cumpridas pelos indivíduos. Essa função confere a Olímpico uma mobilidade no espaço público que foi negada à Macabéa. Disso decorre que a normatização dos indivíduos é feita de acordo com a lógica masculina e, por que não dizer, patriarcalista, tradição da qual Olímpico é herdeiro. O discurso que atravessa essas normas da vida privada e pública traz, no seu bojo, uma veia sexista que perpetua a desigualdade entre os gêneros e funda uma identidade em que a mulher deve se comportar de maneira dócil, sensível, amável e obediente, ou seja, sem vez nem voz, sem expressão e participação social. Lançada no sótão existencial que, nesse trecho da narrativa clariceana, é representado pelo escritório onde Macabéa trabalha, a mulher se vê confinada no

espaço estreito que um sistema falocêntrico a condenou. Nunca ter recebido cartas ou telefonemas aponta para o fato de que Macabéa é um pária social, ou seja, foi excluída da vida pública e se restringe ao cotidiano trivial e destituído de reconhecimento e visibilidade.

Desse modo, Macabéa e Olímpico são talhados à medida que incorporam ao seu modo de ser no mundo os discursos engendrados pela cultura nordestina. Rubem Alves *apud* Gebara (1994:16) diz que “nós tecemos as redes nas quais nos deitamos”. Numa perspectiva de gênero, pode-se dizer que homens e mulheres são, até certo ponto, tecidos, ou seja, inventados pelos discursos produzidos na história. Esses discursos forjam identidades que estão assentadas numa tradição de oposição binária que coloca em posições diferentes e contrárias elementos que mantêm uma relação de interdependência. Assim sendo, procura-se entender a identidade feminina aquém da identidade masculina ou da história e da cultura e faz-se uma leitura equivocada da construção dos papéis sexuais no decorrer da história, por que desvinculada do outro e dos determinantes histórico-sociais. O entendimento das relações e das construções de gênero que modelaram comportamentos e papéis distintos para homens e mulheres tem que partir de uma visão relacional e não dicotômica dos sexos. As práticas discursivas que circulam socialmente e constroem subjetividades não estão desvinculadas das relações intrínsecas e extrínsecas entre homens e mulheres na esfera pública e privada. Antes, esses discursos nascem dessas relações e a elas retornam sob a forma de normas e papéis que são incorporados pelos sujeitos e reproduzidos socialmente.

Clarice Lispector em *A hora da estrela* aborda questões sociais que tocam os vários aspectos da condição humana de um povo que construiu sobre o solo árido do sertão nordestino uma identidade ou, por que não dizer, identidades que se materializam nos diversos papéis desempenhados por homens e mulheres que povoam a região Nordeste.

Macabéa e Olímpico são representantes desse povo multifacetado em suas relações e nas formas de encarnar e vivenciar o dia-a-dia por vezes excludente e opressor. Gestados por uma cultura assentada em valores patriarcalistas e falocêntricos, os personagens reproduzem em suas vivências cotidianas, corriqueiras e habituais o difícil papel de ser-mulher e ser-homem, não por uma iniciativa livre e espontânea, mas por imposição de uma cultura que exige deles o modo adequado de comportamento e vivência de si.

A narrativa clariceana permite múltiplos olhares, e a teoria de gênero é apenas um desses tantos olhares que se pode lançar sobre essa obra que foi a última escrita por Clarice Lispector. Vistos nessa perspectiva de gênero, *Macabéa* e *Olímpico* reproduzem um modo de ser no mundo que configura um produto social (gênero) aprendido, institucionalizado e transmitido de geração em geração.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo. Maceió: Edições Catavento, 2003.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência da vida. V. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CAMPEDELLI, Samira Youssef; ABDALA JR., Benjamim. **Clarice Lispector**. São Paulo: Abril Educação, 1981.

COSTA, Cláudia de Lima. **O leito de procrusto**: Gênero, linguagem e as teorias femininas. *Cadernos Pagu*, v. 2, Campinas, 1994.

GEBARA, Ivone. **Trindade**: palavra sobre coisas novas e velhas. São Paulo: Paulinas, 1994.

_____. **Rompendo o silêncio**: uma fenomenologia feminista do mal. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GALLOP, Jane. **Além do falo**. *Cadernos Pagu*. n. 16, Campinas, 2001.

GOTLIB, Nádya Battella. **A literatura feita por mulheres no Brasil**. Disponível em: http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_Nadia_Gotlib.htm

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. São Paulo: Record/Altaya, 1984.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e realidade**, Porto Alegre, edição especial, 1990.

_____. Entrevista com Joan Wallach Scott. **Revista Estudos Feministas**, n. 1, 1998.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. **Gênero no mundo do trabalho**. Mimeo, 2000.

